

ÍNDICE

1. Ficha técnica.....	2
2. Confiança na resposta das autoridades à pandemia.....	3
3. Como deveriam estar a funcionar as aulas?	7
4. Obrigatoriedade de uso de máscara	8
5. Preocupações em relação ao futuro	9

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 14 e 24 de setembro de 2020. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram seleccionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (5 Regiões NUTII) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram seleccionados aleatoriamente pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas.

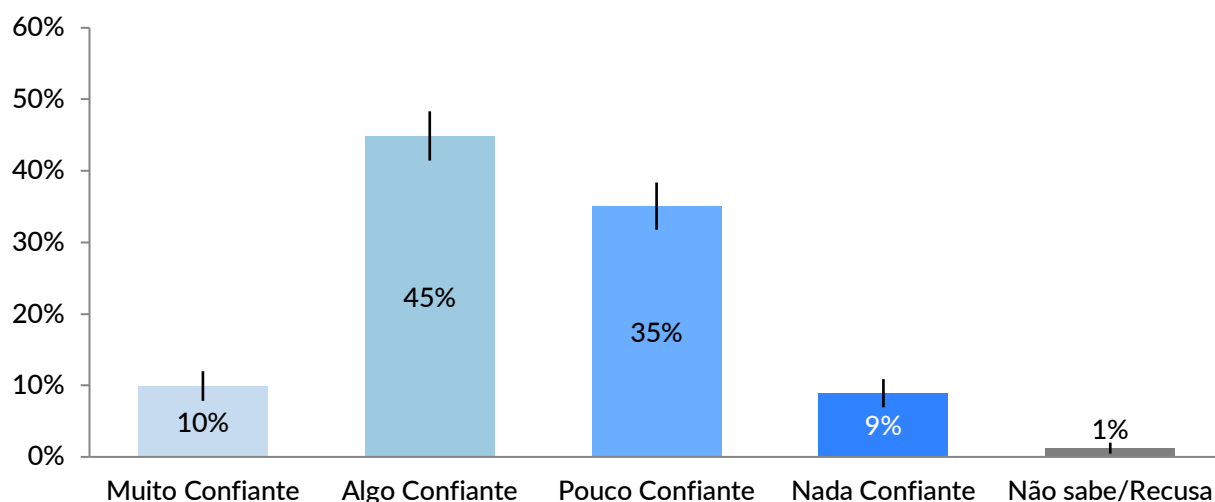
A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto recolhida recorrendo a simulação de voto em urna. Foram seleccionados 80 pontos de amostragem, contactados 2507 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 801 entrevistas válidas (taxa de resposta de 32%). O trabalho de campo foi realizado por 34 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses residentes no Continente com 18 ou mais anos, a partir dos dados da vaga mais recente do European Social Survey (Ronda 9). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 801 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso [site](#). Finalmente, todas as comparações com resultados das sondagens de março e maio devem tomar em conta que, ao contrário desta, foram conduzidas pelo modo telefónico, o que pode ter alguma influência nos resultados.

2. Confiança na resposta das autoridades à pandemia

"Na resposta que o primeiro-ministro está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"

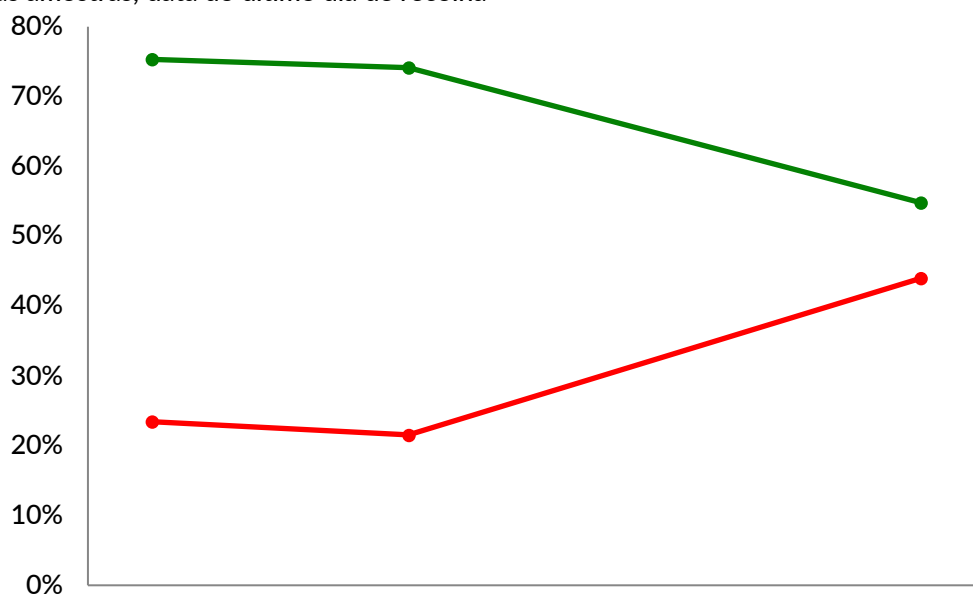
% em relação ao total da amostra



Recolha: 14 a 24 de setembro de 2020

Evolução março-setembro de 2020

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha

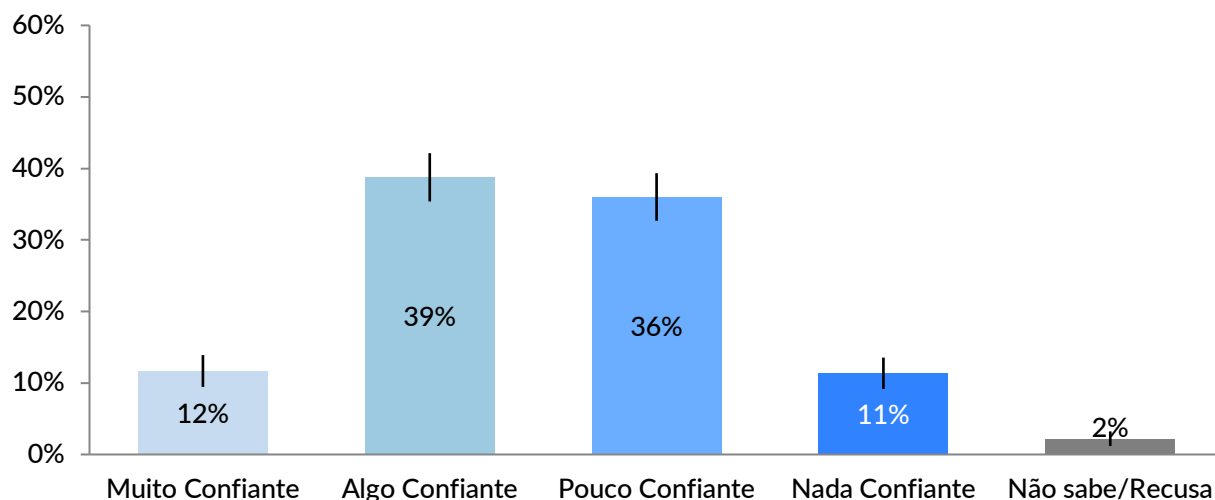


	22/03/20	10/05/20	24/09/20
Muito + Algo Confiante	75%	74%	55%
Pouco + Nada Confiante	23%	22%	44%

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos (45%) foi a de que estão “algo confiantes” na resposta que o primeiro-ministro está a dar à pandemia. Há mais inquiridos que tendem a confiar (55%) do que os que tendem a não confiar (44%) nessa resposta. Contudo, em comparação com maio passado, há uma diminuição da confiança na resposta do primeiro-ministro à pandemia.

"Na resposta que a Direção Geral de Saúde está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"

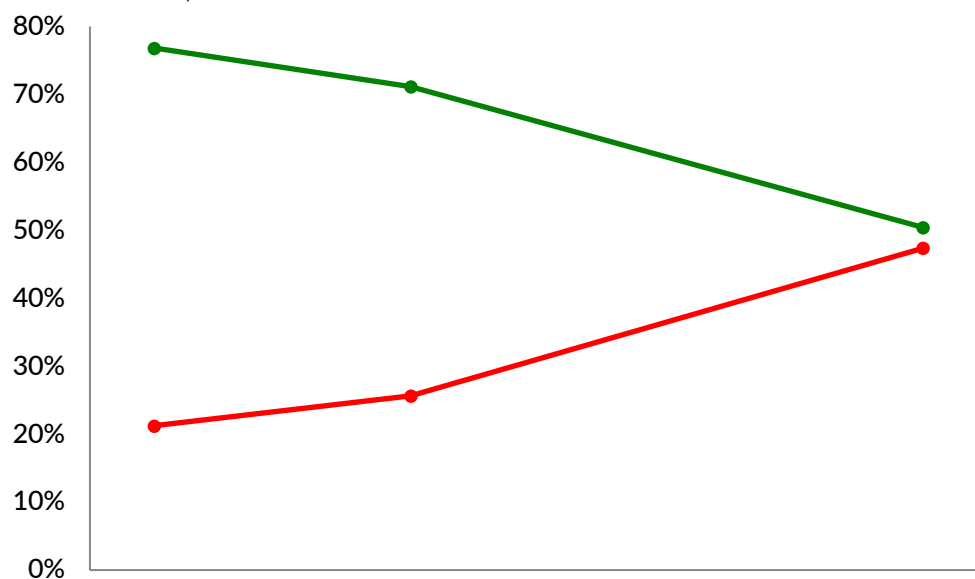
% em relação ao total da amostra



Recolha: 14 a 24 de setembro de 2020

Evolução março-setembro de 2020

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha

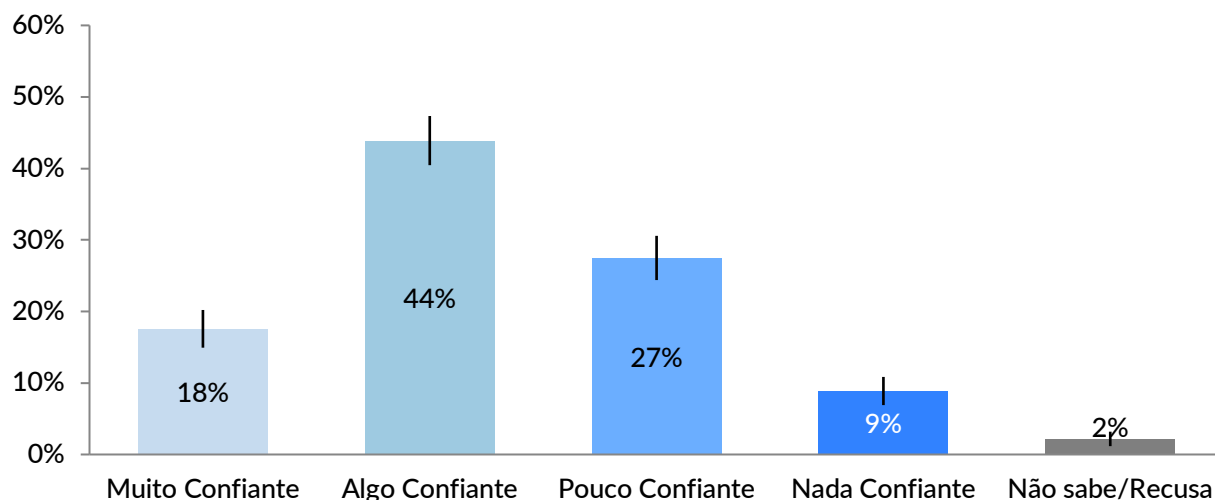


	22/03/20	10/05/20	24/09/20
—●— Muito + Algo Confiante	77%	71%	50%
—●— Pouco + Nada Confiante	21%	26%	47%

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos (39%) foi a de que estão “algo confiantes” na resposta que a DGS está a dar à pandemia. Há quase tantos inquiridos que tendem a não confiar (47%) como os que tendem a confiar (50%) nessa resposta. Há desde março uma diminuição das respostas que denotam confiança na resposta da DGS à pandemia, de cerca de 27 pontos percentuais.

"Na resposta que o Presidente da República está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"

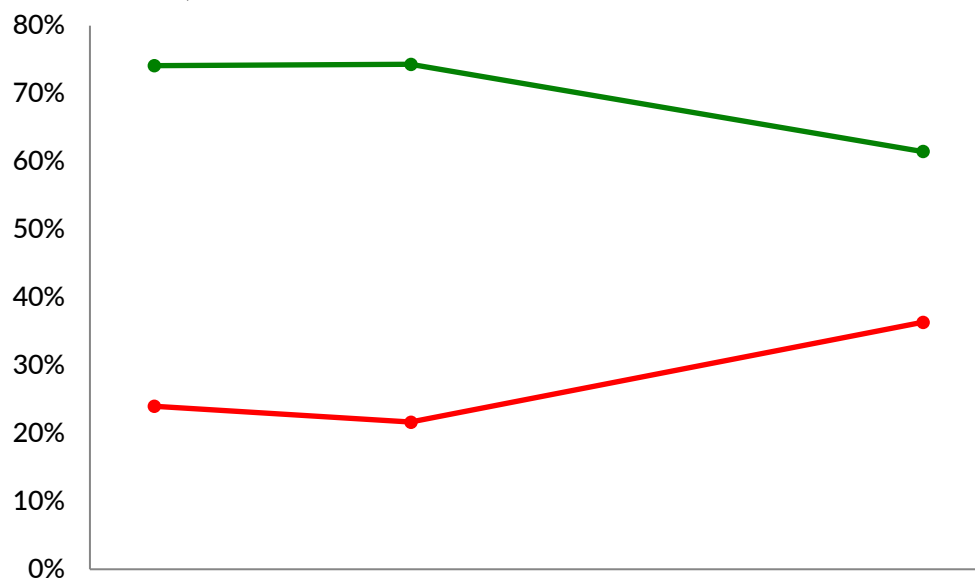
% em relação ao total da amostra



Recolha: 14 a 24 de setembro de 2020

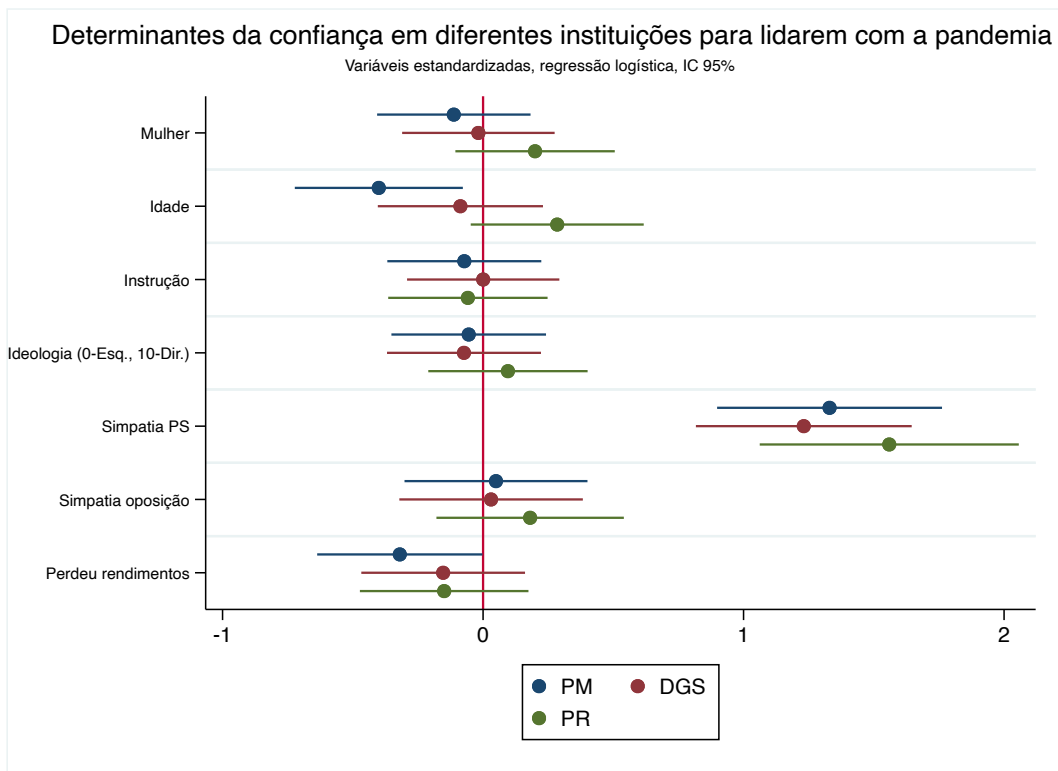
Evolução março-setembro 2020

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha



	22/03/20	10/05/20	24/09/20
—●— Muito + Algo Confiante	74%	74%	61%
—●— Pouco + Nada Confiante	24%	22%	36%

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos (44%) foi a de que estão “algo confiantes” na resposta que o Presidente da República está a dar à pandemia. A diferença entre inquiridos que tendem a confiar (61%) e os que tendem a não confiar (36%) nessa resposta, é bastante maior do que nos casos do primeiro ministro e da DGS. Comparando com maio, vemos também aqui uma diminuição da confiança na resposta do Presidente da República à pandemia (-13 pontos percentuais), se bem que não tão acentuada como a que se verifica nos casos do primeiro-ministro e da DGS.

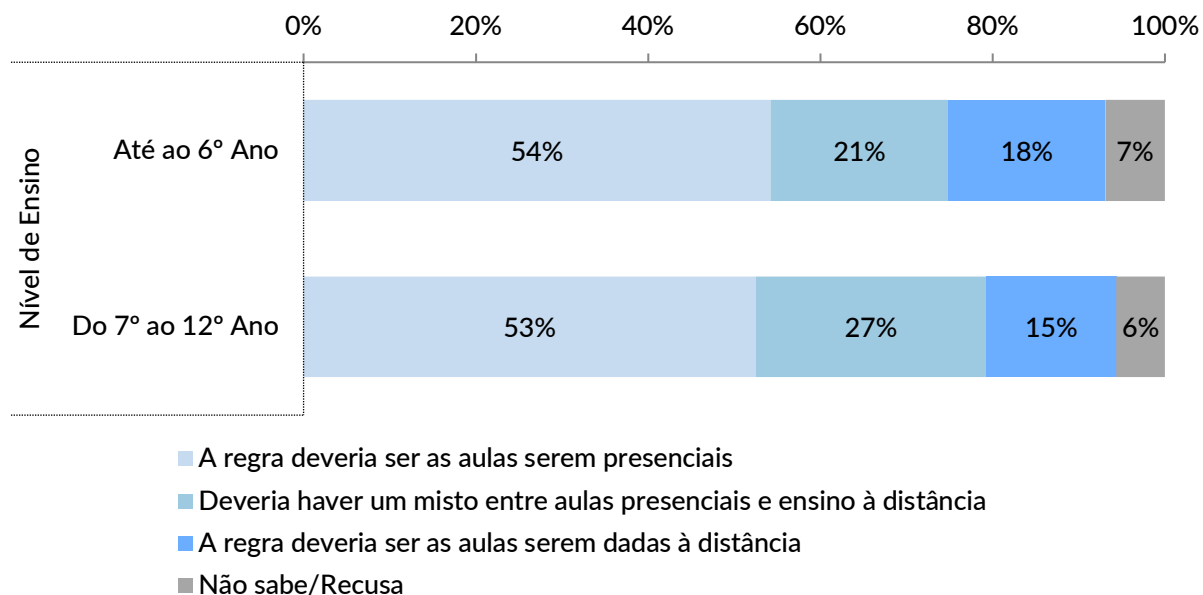


Foram analisados alguns fatores que poderiam ajudar a prever a probabilidade de que um inquirido exprimisse confiança (“muita” ou “alguma”) na resposta de cada uma destas autoridades à pandemia. O fator que, de longe, tem maior poder explicativo é a simpatia partidária, nomeadamente a simpatia com o partido de governo: os simpatizantes do Partido Socialista tendem a ter mais confiança nas respostas do primeiro-ministro, da DGS e do Presidente da República à pandemia. As restantes variáveis não são relevantes, com duas exceções: entre os inquiridos mais velhos e entre aqueles que afirmam ter perdido rendimento desde março passado, a probabilidade de exprimir confiança na resposta do primeiro-ministro à pandemia é menor.

3. Como deveriam estar a funcionar as aulas?

"Pensando no ensino até ao 6º ano/do 7º ao 12º ano, qual das seguintes opções corresponde melhor à sua opinião?"

% em relação ao total de inquiridos



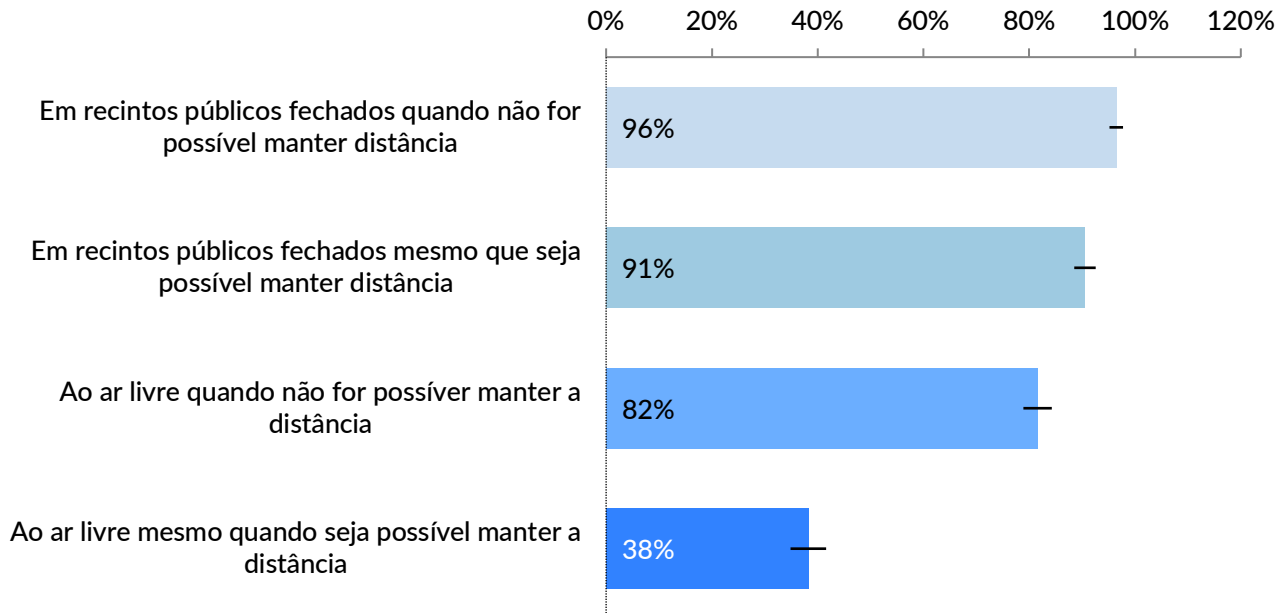
Recolha: 14 a 24 de setembro de 2020

Independentemente do grau de ensino, a maioria dos inquiridos considera que a regra deveria ser as aulas serem presenciais. Há mais inquiridos a defenderem uma solução híbrida para as aulas do 7º ao 12º ano do que para as aulas até ao 6º ano. São relativamente poucos os inquiridos que defendem que as aulas à distância deveriam ser a regra, seja qual for o grau de ensino.

4. Obrigatoriedade de uso de máscara

"Em quais das seguintes circunstâncias acha que deveria ser obrigatório usar máscara?"

% em relação ao total da amostra



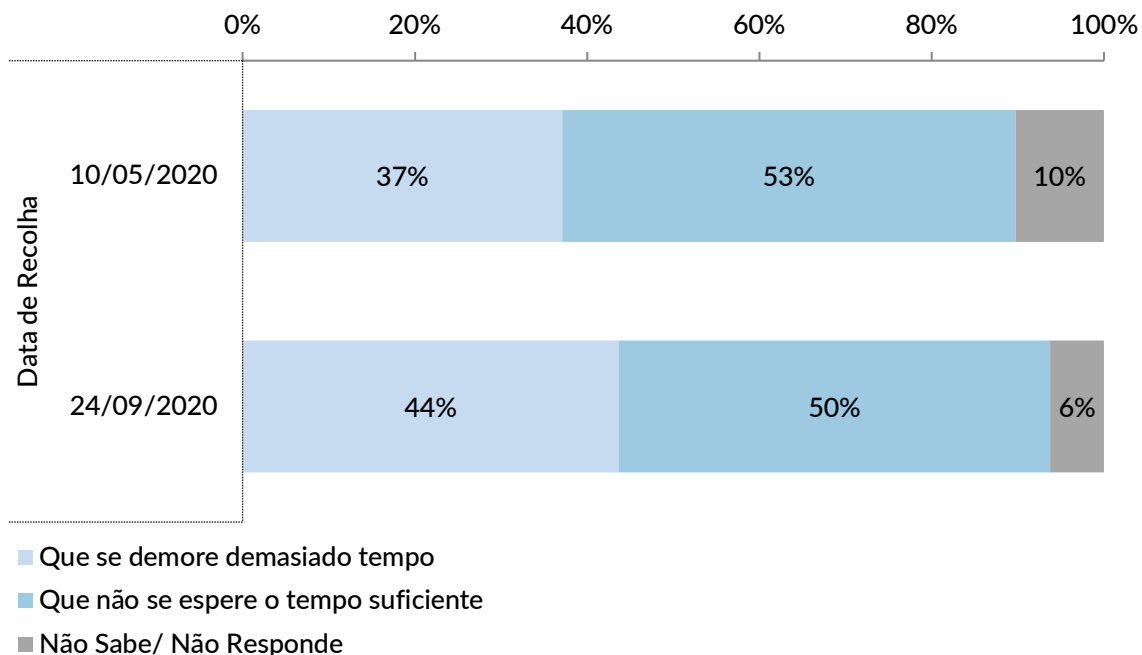
Recolha: 14 a 24 de setembro de 2020

A obrigatoriedade do uso da máscara em recintos públicos fechados ou ao ar livre, não sendo possível manter distanciamento físico, é uma opinião partilhada pela esmagadora maioria dos inquiridos. Contrariamente, quando as pessoas se encontrem em espaços abertos e as condições permitam manter o distanciamento aconselhado, a maioria considera que o uso de máscara não deve ser obrigatório.

5. Preocupações em relação ao futuro

"O que lhe traz mais preocupação em relação ao futuro: que se demore demasiado tempo a levantar as restrições e a tentar voltar à normalidade, ou que não se espere o tempo suficiente para levantar as restrições e voltar à normalidade?"

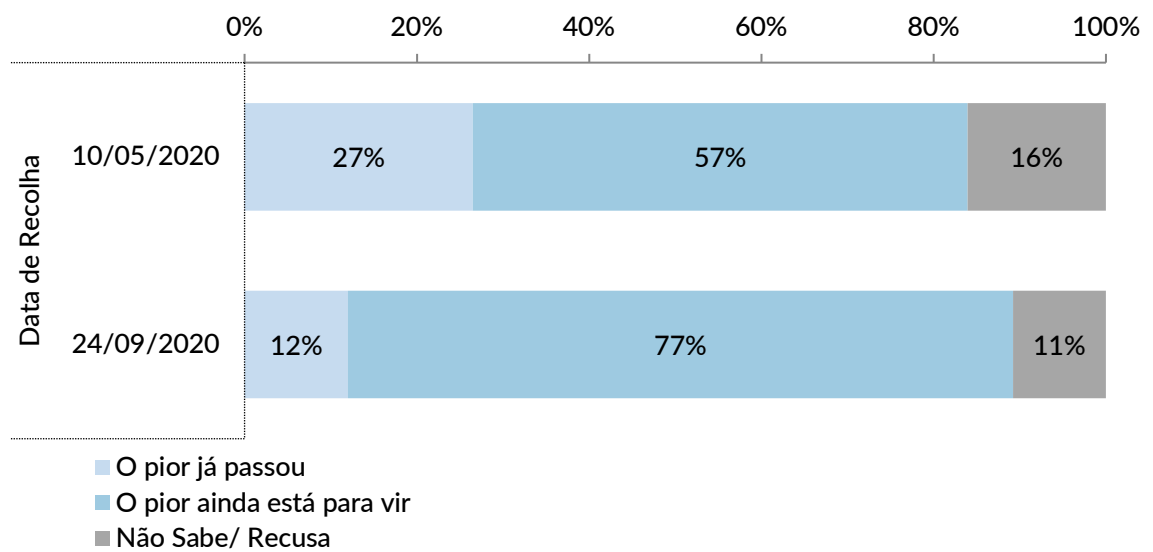
% em relação ao total



Recolha: 14 a 24 de setembro de 2020

De maio até agora, aumentou a percentagem daqueles que se dizem preocupados com que se espere demasiado tempo para levantar as restrições. Na base da amostra de setembro, a diferença entre esses e os que têm a preocupação contrária deixou de ser estatisticamente significativa. Por outras palavras, pode-se dizer que os inquiridos estão divididos em grupos de dimensão aproximadamente igual sobre esta questão.

"No que toca aos problemas causados pela pandemia, acha que o pior já passou ou que o pior ainda está para vir?"
% em relação ao total de cada amostra

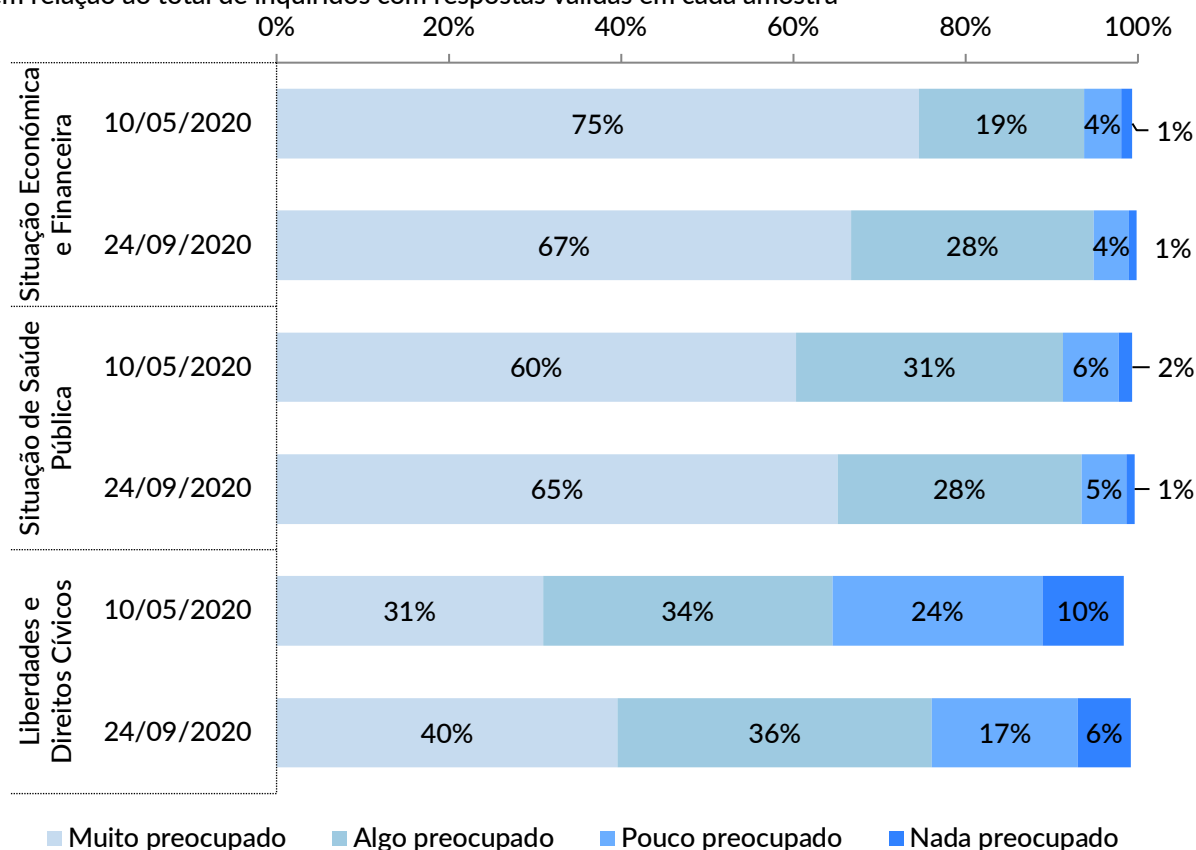


Recolha: 14 a 24 de setembro de 2020

De maio até agora, aumentou a percentagem daqueles que acham que, no que toca aos problemas causados pela pandemia, o pior ainda está para vir. Essa proporção aumentou de 57% para 77%.

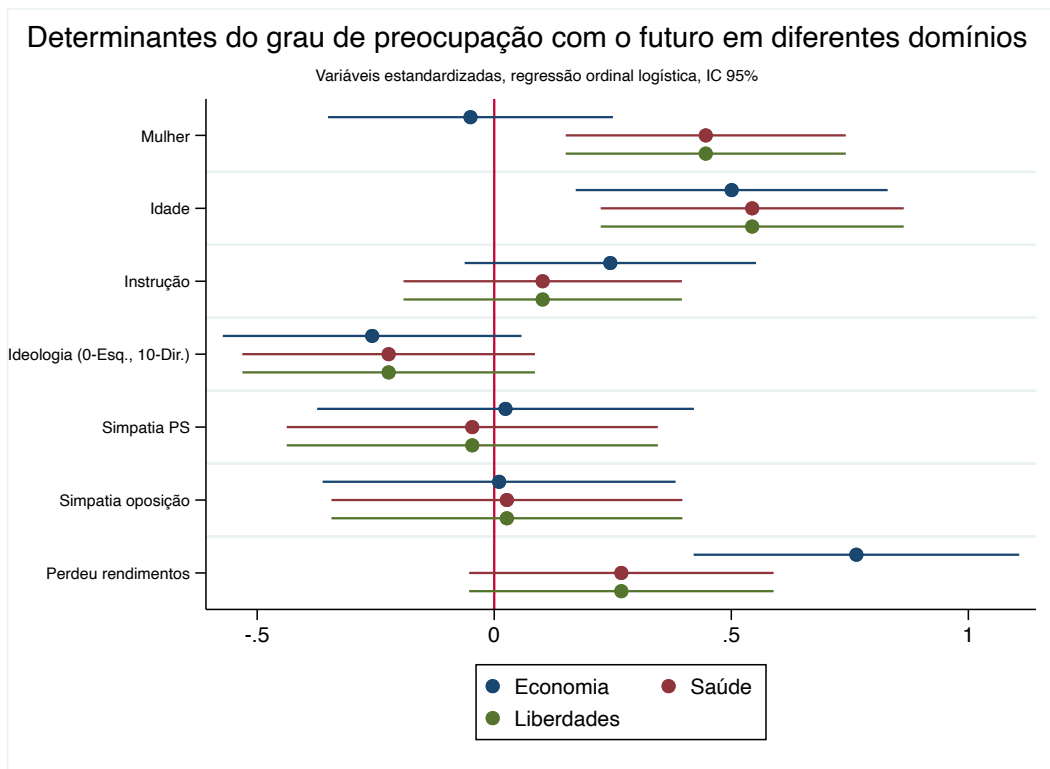
"Até que ponto se sente preocupado com:

% em relação ao total de inquiridos com respostas válidas em cada amostra



Recolha: 14 a 24 de setembro de 2020

De maio até agora, a percentagem dos inquiridos que se dizem “muito preocupados” com a situação económica e financeira futura do país diminuiu 8 pontos percentuais, apesar de continuar a ser alta (67%). Apenas 5% se dizem “pouco” ou “nada” preocupados. Não há diferenças significativas entre maio e setembro no grau de preocupação com a situação de saúde pública. Finalmente, aumentou a preocupação com as liberdades e os direitos cívicos, com apenas 23% a dizerem-se “pouco” ou “nada” preocupados (contra 34% em maio).



Foram analisados alguns fatores que poderiam ajudar a prever a probabilidade de um inquirido exprimir maior preocupação com os diferentes domínios (economia e finanças, saúde pública e liberdades e direitos cívicos). O fator comum é a idade: quanto mais velhos os inquiridos, maior a sua preocupação com qualquer um destes três aspetos. Ser-se mulher também está associado a uma maior preocupação com a saúde pública e com as liberdades e direitos cívicos. Finalmente, os inquiridos que perderam rendimentos desde o início da pandemia tendem a dizer-se mais preocupados com a situação económica e financeira do país.